

Jorge de Oliveira

# Ir "ÀS SORTES " nas freguesias de Santo António das Areias e Beirã

(Separata)

Memórias  
das Freguesias  
de Santo António  
das Areias e Beirã

IBN MARUÂN – Rev. Cultural de Marvão  
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,  
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 477-486

ابن مروان  
IBN MARUÂN  
Revista Cultural do Concelho de Marvão



100

95

75

25

5

0

Título  
**Memórias das Freguesias  
de Santo António das Areias e Beirã**  
(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição  
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação  
Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus  
autores

Design gráfico  
**Veludo Azul**, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100

95

75

25

5

0



Jorge de Oliveira  
(CHAIA / Univ. de Évora)

## Ir "ÀS SORTES" nas freguesias de Santo António das Areias e Beirã



Fita de Apurado 1980

O acto de ir "Às Sortes", ou à Inspecção Militar Obrigatória, pelo menos desde a Implantação da República, passou a constituir-se, para os rapazes, como um ritual de passagem, ou mesmo um complexo ritual de múltiplas passagens. Conforme os tempos, fossem eles de guerra, ou de paz, assim mudava o conceito de "sortes".

Poderemos com alguma certeza afirmar que a expressão "ir às sortes" teve origem no período de paz, pós primeira Guerra Mundial. A obrigatoriedade de ir à Inspecção militar passou por diferentes formatos ao longo do tempo. Em altura de paz, em que a Tropa não necessitava de muitos soldados, apenas os mais "listos" eram seleccionados e dados como aptos para prestarem serviço militar. Do grupo dos restantes, o Sargento, o médico e o soldado que faziam a inspecção "sorteavam", mais dois ou três mancebos, para substituição de algum dos que anteriormente tinham sido dados como aptos não comparecesse, ou mesmo, até à chamada para recruta, lhe poder ocorrer algo que o impedisse de se apresentar no respectivo quartel. Daí a expressão "ir às sortes", que com o tempo, passou a denominar, na generalidade, todo o protocolo que, aos 18 anos de idade, todos os rapazes de todo o País tinham que realizar.

Em época de paz, nos contextos mais rurais e economicamente menos favorecidos, onde o analfabetismo atingia grandes proporções, o ser dado como apto e ser chamado para a tropa era uma forma de provável fuga, pelo menos durante algum tempo, ao pesado trabalho do campo e ter garantida uma mesa guarnecida, ainda que muito repetitiva. Sair do campo e ir parar a um qualquer quartel, que se situava sempre em contexto urbano era, logo à partida, uma nova experiência que lhe ficaria gravada para toda a vida. Fosse a recruta mais ou menos pesada nunca se igualava ao peso da enxada, desde o nascer ao por do sol, dia atrás de dia. Alguns aproveitavam para aprender algumas letras e até a carta de condução conseguiam



Banho sortes 1948

tirar. Finalizada a recruta e feita a respectiva especialidade, apenas tinham que cumprir as tarefas, maioritariamente leves, que a regra militar lhes obrigava, mas que em nada se comparava com o peso do trabalho do campo.

A expressão "ir às sortes" manteve-se, embora em épocas de maior recrutamento militar, por pressão dos vários ambientes de guerra por que Portugal passou, o acto de "ir às sortes" se por um lado poderia levar a que o mancebo tivesse a "sorte" de ficar livre e o afastava da presença na frente de combate, por outro lado, regressar à terra com a fita de inapto, era algo vexatório e, de alguma forma, indicador que aquele indivíduo não teria capacidade, nem para ir descascar batatas para um quartel.



Pormenor de uma fita de Apurado

Três diferentes cores podiam ter as fitas que após "as sortes" podiam vir atadas ao braço, ou na lapela do casaco e que assinalavam a situação em que o mancebo tinha sido colocado, ou sorteado, como também se dizia. A verde, apto para todo o serviço, a vermelha, inapto e a amarela (muito rara) para os que, por qualquer motivo, ficavam a aguardar nova chamada. Contudo, esta diferenciação cromática não era igual em todo o País, nem em todas as ocasiões. Por exemplo, houve alturas em que as cores se inverteram, fita vermelha que ostentavam na lapela em sinal de terem sido "apurados para todo o serviço militar", branca se ficavam livres do cumprimento do serviço militar, e verde, se ficavam em espera, tendo de repetir a inspeção no ano seguinte. As cores foram variando ao longo do tempo e muitas vezes resultantes das fitas que nos próprios DRMs os "prontos" vendiam aos maçaricos!

Tempos houve em que "As Sortes" eram tiradas na sede de concelho, deslocando-se para esse fim os militares à terra de cada grupo. Mais tarde, a lista de mancebos desse ano era exposta no edifício da câmara e nas respectivas juntas de freguesia. Aí se mencionava qual data e hora em que os mancebos se deveriam apresentar no respectivo DRM (Distrito de Recrutamento Militar), que ia variando conforme os anos. Era, por norma, pelo fim da Primavera ou princípios do Verão que os mancebos eram convocados.

A partir do momento em que a lista de convocatória, com o nome dos mancebos, aparecia para irem "às sortes", começavam os preparativos para esse inesquecível dia. A rapaziada desse ano, de todo o concelho, tentava logo "eleger" uma comissão para organizar os festejos. Embora o concelho seja pequeno e consequentemente



a população igualmente reduzida, raramente os festejos e a organização abrangia os dois lados da encosta de Marvão. Depois, apareciam, por norma, alguns nomes na lista que ninguém conhecia. Era a rapaziada que tendo nascido no concelho e cedo partiram para outras paragens e dos quais não havia já memória.



Grupo das Sortes 1974

M. N.º 02 DE ABRANTES

CONC. MARVÃO

FREG. SANTO ANTONIO DAS AREIAS

CLASSIFICAÇÃO E SELECÇÃO (INSPECÇÃO)

JOSE GUARDADO MOREIRA, CORONEL INFANTARIA .....  
recenseados no ano de 1974, para o SERVIÇO MILITAR, devem comparecer

R.I. DE ABRANTES - ABRANTES .....  
a fim de se apresentarem na JUNTA de RECRUTAMENTO N.º 12 para

NÚM. RECEN.	NOME
0001	ANTONIO RAPOSO MACHADO
0004	EMILIO ANTONIO DA SILVA MARTINS
0005	FRANCISCO DIONISIO CARRILHO NUNES MORGADO
0006	GREGORIO OLIVEIRA AZEITONA
0008	JOAQUIM MANUEL BARRADAS
0009	JORGE MANUEL PESTANA FORTE DE OLIVEIRA
0010	JOSE AUGUSTO FORTE ANDRADE
0011	JOSE FERNANDO LEITAO FALCAO
0012	JOSE LUIS ANTUNES MARMELO
0013	JOSE MANUEL AMADOR BARRADAS
0015	JOSE MANUEL MOURATO GAVANCHA
0016	JOSE VITORINO PINADAS RAMOS
0017	MANUEL ANTONIO PICADO CARRILHO
0018	MANUEL DA COSTA BRANCO
0019	SAUL GAVANCHA COSTA
0020	VITORINO BRANCO GOMES

Lista de convocatória, 1974

Sobretudo na década de sessenta, em que a Guerra Colonial estava no auge, o "ir às sortes" tinha tanto de festa, como de angústia. Os que tinham "conhecimentos" tentavam, por todos os meios, com a antecedência necessária, meter uma "cunha" para se conseguir safar. Depois alguns mitos difundiam-se. Uns diziam que, oferecendo-se anteriormente como voluntários, tinham menos probabilidades de ir para à frente de combate. Como os índices de mortalidade eram substancialmente maiores entre os furriéis e aspirantes, porque ao encabeçarem qualquer companhia eram alvos preferenciais, alguns mancebos tentavam esconder as suas qualificações académicas para virem a ser incorporados como soldados. Outros mitos circulavam para evitar serem seleccionados para todo o serviço. Dizia-se que os homossexuais eram, imediatamente, dispensados. Histórias se contavam que alguns, não o sendo, tentaram passar-se por tal e ao encontrarem-se na fila para a inspecção médica e ao afirmarem que seriam homossexuais, de imediato eram levados por dois sargentos para um gabinete à parte. Passados poucos minutos já estavam de novo na fila e, estranhamente, em posição de "sentido" !!!!!.

Nesta altura da Guerra Colonial todas as artimanhas se inventavam para tentar escapar à selecção no dia das sortes. Alguns, contava-se, que se deitavam junto à

linha de caminho-de-ferro, lá para os lados da Herdade dos Pombais e quando o comboio ia passar metiam o indicador direito sobre a linha para amputar o dedo do gatilho e assim conseguirem-se "safar da tropa". Quando isso acontecia, imediatamente a Guarda Republicana tomava conta da ocorrência e depois de suturada a ferida eram presentes a tribunal, geralmente condenados a alguns dias de prisão, mas, pelo menos, não iam assentar praça. Outros, intencionalmente, com qualquer instrumento cortante amputavam esse dedo. Estas artimanhas já antigamente tinham sido usadas durante a 1ª Grande Guerra e passaram para as gerações posteriores. Outros que tinham "conhecimentos" no mundo da medicina, arranjavam atestados de doenças imaginárias, que algumas vezes convenciam de imediato o médico de serviço à inspecção e outras vezes convocava-os para uma Junta Médica Militar, à qual, por norma, não escapavam. Havia também aqueles que invocavam um artigo qualquer da legislação que dispensava da tropa os que, por motivo de serem o único sustento para a família, ficavam livres de prestar serviço militar. Relatos havia de mancebos seleccionados que pagavam a outros, já regressados da tropa, para os substituírem no Serviço Militar. Muitas outras histórias corriam nessa altura da Guerra Colonial. Por fim, para aqueles que tinham condições e apoios para isso, havia sempre a possibilidade de se escaparem para outro País e não comparecerem "às sortes" ou à "incorporação". Era conhecido que muitos, por norma universitários, conotados como "esquerdistas" e com apoio de estruturas da oposição na clandestinidade, que conseguiam sair do País para fugirem à tropa. Sabemos que um dos trajectos de fuga passava exactamente por caminhos fronteiriços do concelho de Marvão, sendo a passagem pelo Batão, ou pela Fontanheira os locais mais assinalados.

Embora alguns, com esta ou com aquela artimanha, se conseguissem escapar a serem chamados para a tropa, a verdade é que "às sortes" todos praticamente tinham que ir.

A partir do momento em que se conhecia a data para inspecção, sobretudo desde que passou a ser efectuada fora do concelho, um dos mancebos, por norma aquele que tinha mais habilitações literárias era chamado à câmara a quem o Secretário entregava os salvo-condutos de todos os mancebos e outra papelada para, de comboio, chegarem ao DRM assinalado. Por norma a viagem era realizada na véspera e à chegada ao destino cada um desenrascava-se para encontrar local de pernoita e no dia e hora marcada estarem todos à porta do quartel. Mas a partida para a inspecção era antecedida, obrigatoriamente, de um clássico ritual de passagem e purificação. Um banho purificador nas águas do Rio Sever, com todos os mancebos, tal como vieram ao mundo, aquecidos por dentro com o conteúdo do palhinhas a que se seguia uma forte almoçarada com aquilo que cada um trazia na mochila. Um tocador de concertina, a quem se pagava, e uma camioneta mais ou menos alugada e lá ia a rapaziada toda, alegremente, a caminho do Batão, ou da Ti Maria Jacinta, locais mais apreciados para estas festanças. Cada mancebo podia

levar um convidado, qual padrinho, que acompanhava integralmente todo o ritual. Estranhamente, alguns, dificilmente se queriam desnudar, provavelmente por pudor ou outra qualquer razão. Nessas alturas ia ao banho na mesma, porque a restante rapaziada encarregava-se de o fazer entrar na água, a bem, ou a mal. Haverá que reconhecer que para alguns, após o nascimento, era o primeiro banho integral que tomavam. Recorde-se que estamos a falar de uma comunidade onde a ruralidade ainda estava muito presente e o acto da lavagem limitava-se apenas a algumas partes do corpo, até porque nalguns locais nem água canalizada ainda havia e casas de banho, com banheira ou duche nem pensar. Este banho, ainda que simbólico para a maior parte, era para outros a higienização a que se obrigavam antes de se irem exhibir totalmente nus, no dia seguinte, perante o grupo e os inspectores. Passado o ritual do banho colectivo, normais eram as apreciações à anatomia particular de algum que provocava a risota do grupo. Depois da



Banho sortes 1948

higienização e purificação que o banho simbolizava, o grupo ia-se preparando para subir mais um degrau da vida. Muito em breve deixava-se de ser um "puto" e passava-se a estar ao abrigo da lei militar, situação em que desde os 16 anos se encontravam, mas que na verdade não era totalmente sentida, ou era mesmo ignorada. Seco o corpo por fora, estava na altura de molhar o interior. Vinho ou cerveja em abundância, acompanhados pela bucha colectiva, ao som das pandeiretas, castanholas e da concertina contratada, geralmente do Ti Manel Gavanha, que também "alugava" a sua velha camioneta para o transporte do grupo e lá se ia passando o dia alegremente.

No dia seguinte ia-se apanhar o comboio à Estação da Beirã. O salvo-conduto, entregue pela Câmara, substituíra a aquisição do bilhete. A rapaziada ainda muito alegre pelo álcool do dia anterior e pelo que nesse dia se ia acrescentando faziam com que o pobre do revisor empurrasse o grupo para uma das carruagens que seguiam vazias para evitar o incómodo dos restantes passageiros. Era obrigatório, havia sempre algum, geralmente um dos que nunca tinha andado de comboio, que accionava o alarme. Revisor e maquinista que já sabiam que gente transportava aquela carruagem e, ignorando o sinal, o comboio ia avançando. Umas vezes o destino era Coimbra, outras Abrantes. Durante a viagem as garrafas iam rodando de mão em mão e na chegada ao destino havia sempre confusão. Uns queriam ir já jantar e dormir ao quartel, outros, que tinham alguns tostões, jantavam nalguma





O combóio das Sortes 1974

tasca e alugavam um quarto, na pensão mais barata e uma cama dava para 4 ou 5. No dia seguinte, uns mais ensonados e alcoolizados que os outros, juntavam-se todos à Porta d'Armas do quartel. O mancebo encarregado pela Câmara de levar a papelada e que por força dessa responsabilidade tinha que se manter relativamente sóbrio, e apresentava-a ao soldado de plantão. Um sargento de serviço encaminhava a rapaziada separando, logo à partida, os que tinham mais habilitações literárias dos que apenas a escolaridade obrigatória possuíam. A primeira selecção estava feita. À medida que os dois grupos iam avançando pela parada fora, ouvia-se daqui e dali a palavra

"maçaricos" e era risada geral. Assim chamavam os soldados já em prontidão aos que agora chegavam. Primeiro, conferir as identidades, depois a avaliação física. Depois de totalmente desnudados e postos em fila ia-se aguardando a vez de serem inspecionados pelo médico. De vez em quando, algum da fila empurrava com força o da frente fazendo com que todos batessem com o pénis nas nádegas do que lhe seguia à frente. De imediato se ouvia, o que seria natural ouvir por parte dos soldados que por ali estavam, cada um de uma tropa especial, tentando captar voluntários para alguma das suas especialidades: "cambada de paneleiros!".

O médico lá perguntava se tinha alguma doença, mandava o mancebo rodar 180°, via-lhe as unhas dos pés e se não fosse cocho, e não lhe faltasse nenhum membro, da parte dele estava apto para todo o serviço. Venha o seguinte, e assim por diante. Depois seguiam-se os chamados "testes psicotécnicos", diferentes para cada um dos grupos, separados logo ao início. A primeira pergunta para o grupo maior era, invariavelmente, se sabia ler e escrever e depois seguiam-se umas perguntas retóricas, orais, para avaliar as capacidades cognitivas dos mancebos. Aí é que alguns eram logo mandados afastar da fila. Seguiam-se os testes de destreza manual e capacidade visual. Não convinha esforçar-se muito nestas provas, porque poderia ir parar a atirador especial e em tempo de guerra, não era nada conveniente. Também não resultava de nada a estratégia, que alguns praticavam, de errar tudo e não dizer, coisa com coisa, para ver se eram colocados de lado. Os sargentos que acompanhavam os mancebos já conheciam todo o tipo de música e de nada valia fazerem-se de malucos. O resultado das inspecções ainda era noticiado antes do almoço, maioritariamente, no tempo da Guerra Colonial, até os que tinham amputado o indicador direito ficavam apurados para todo o serviço, o outro dedo também servia para puxar o gatilho das G3, ou o das velhinhas Mauser.

Só, de facto, aqueles que apresentavam claros sinais de demência, ou alguma anomalia física impeditiva de marcar passo ou de descascar batatas eram considerados inaptos. Chegava a hora de almoço e todos se voltavam a juntar. No refeitório só se ouvia a palavra "maçaricos", uma pratada de feijoadá com duas ou três "bóias" de toucinho, um copo de vinho que melhor serviria para limpar ferrugem, um quarto de pão mole e duas maçãs era o normal almoço, que era servido aos agora, maioritariamente apurados para todo o serviço. No fim, para quem quisesse, podia ir à cantina beber um café, mas este tinha que ser pago. O Oficial de Serviço, conhecedor da hora de retorno do comboio apressava-se a entregar a cada mancebo um papel onde constava a sua boa, ou má aptidão para todo o serviço militar e ao que tinha trazido os documentos entregues pela Câmara, um envelope fechado para devolver ao secretário do município. Toda a papelada em ordem, novo salvo-conduto era entregue para retorno de comboio. Uma velha Berliet-Tramagal, já com múltiplas campanhas feitas, transportava o pessoal que, agora exibia as fitas coloridas e tocava as pandeiretas ao ritmo das sacudidelas que a suspensão de um carro militar dava, até chegar à estação onde se iria apanhar o comboio. Descarregado o pessoal ouvia-se mais uma, ou duas vezes, a palavra "maçaricos" e lá ficava a malta à espera do comboio que havia de trazer os futuros soldados até à Estação da Beirã. A viagem de regresso era assumidamente muito mais calma do que foi a que levou os mancebos. Os corpos moídos, mal dormidos e mal comidos faziam cabecear os futuros soldados. Agora o cansaço apoderava-se do corpo e o revisor nem reconhecia a "malta das sortes", cada um dormitava para seu lado, até se ouvir o revisor dizer: Estação Terminal – Marvão - Beirã. Toca a acordar e a sair do comboio porque a festança tem que se retomar.

Como combinado, o tocador de concertina, já aguardava a chegada do grupo. Agora era altura de começar a correr todas as tascas por onde se ia passando e, em tempo, quase porta sim, porta não, havia uma taberna no concelho de Marvão. As pandeiretas, nas mãos da rapaziada, tentavam acertar o compasso com o som que da concertina saía e lá se ia provando o tinto ou o branco de cada taberna da Beirã. Como o baile estava combinado para a Sociedade de Santo António das Areias, havia que transportar o grupo até à outra aldeia. A camioneta de caixa de carga que os havia levado ao banho purificador no Rio Sever, volta a ser contratada para o trajecto de retorno à aldeia. Contudo, havia que parar em todas as tabernas que pelo caminho existissem. Nos Barretos e na Ranginha a paragem era obrigatória, por aí havia onde molhar a garganta. À entrada de Santo António a rapaziada saltava da camioneta e aí juntavam-se ao grupo os convidados dos mancebos. Com a concertina à frente o grupo fazia o esforço de peregrinar por todas as tascas para provar a especialidade de cada uma. Estranhamente, do grupo, desapareciam os que tinham recebido fita de inapto. Essa fita representava o sinal de incapacidade física ou mental e nenhum dos contemplados com esse "estigma" queria expor-se à comunidade, embora, no tempo da Guerra do Ultramar, fosse invejada pela maioria....

Terminada a volta à aldeia, já com os compassos das pandeiretas completamente desfasados dos da concertina, era altura da janta. Conforme o número de mancebos de cada ano assim era o local onde se ia jantar. Anos havia em que uma cozinheira era contratada para fazer o jantar e rapidamente se montava na Sociedade uma sala para aí se apreciar o petisco e continuar a matar a sede. Se o grupo era mais pequeno, então o frango assado previamente acertado com o Ti Saul servia perfeitamente e o vinho que ele produzia combinava porque até não era nada mau! Não se podia demorar muito tempo porque a noite ainda agora principiava. Aguardava-se, com alguma ansiedade a hora do início do "Baile das Sortes". A organização desse baile era da total responsabilidade do grupo das Sortes que pagaria ao tocador de concertina, ou nalgumas ocasiões, a um "conjunto musical", geralmente o que nessa altura estava constituído com gente da aldeia (famílias Lança, Mota e Gavancha e eventualmente mais algum membro). Por volta das 10h30m, praticamente toda a aldeia, sobretudo as moças casamenteiras, sempre acompanhadas pelas mães, começavam a encaminhar-se para a Sociedade e a ocupar preventivamente, os lugares mais visíveis. Por norma, à volta do salão de baile, pelo menos duas filas de cadeiras ou bancos eram organizados. Na primeira fila, as moçoilas casamenteiras, respaldadas na retaguarda pelas vigilantes mães, disfarçadamente, tentavam descuidar-se um pouco com a saia que deixava adivinhar qualquer coisa dois dedos acima do joelho. Com os vestidos de cores quentes a condizer com a ocasião, o salão começava a compor-se de cabeleiras acabadas de sair do secador e com os diversos aromas emanados



Grupo das Sortes 1952

dos perfumes que cada jovem tinha comprado numa das lojas de Valência de Alcântara. No palco os sons começavam a fazer-se ouvir. Havia que afinar o, ou os instrumentos, mas sobretudo o, ou os microfones, para que não fizessem feedback com as colunas de som. O velho amplificador a válvulas, de quando em vez, lá emitia um guincho que era sempre desculpável porque ainda se estava na hora dos preparativos.

Pouco tempo depois, já com ambiente musical e sala cheia, começa a ouvir-se cá fora o som das pandeiretas da rapaziada que o álcool tinha descomplexado. Aos gritos, vivas, gargalhadas e pandeiretas entravam em turbilhão, porque as bebedeiras assim o provocavam, os rapazes das sortes e seus convidados. Naturalmente que o baile era aberto a toda a gente, mas os primeiros passos de dança e escolha do respectivo par cabia, nesse dia, à rapaziada que exibia a fita de apurado



para todo o serviço. Alguns, que já tinham namoradas, iam directamente buscá-las, com a devida licença de suas mães. Outros, que par fixo ainda não tinham, lá se iam afoitando às moças mais vistosas da sala, com o já gasto "a menina dança?", certos de que nessa noite aos rapazes das sortes "tampa" não se dava. E o bailarico lá começava. O cheiro a perfume espanhol que as raparigas transportavam, começava a misturar-se com os odores a álcool que cada mancebo consigo trazia, mas que o som da música e a alegria geral tudo abafava. De quando em vez ouvia-se, o já costumeiro, "bota cá licença", e trocava-se de par. A sala enchia-se de cores que rodopiavam ao som da música. Menos vezes do que os espectáveis, lá tocavam os tão desejados "slows". O rodopio dava lugar a curtos e apertados passos de dança e o salão parecia crescer. O centro do espaço apertava-se e cada um chegava-se ao máximo ao seu par. Quando algum par aquecia um pouco mais via-se entrar em cena o Ti Garlito, funcionário da Sociedade, com a caninha na mão que com ela tocava no ombro do rapaz e com voz, de quem autoridade para isso tinha, dizia, "vamos lá a afastar um pouco". O par, algo atabalhoadamente, afastava-se um pouco. A rapariga espreitava para a cara da mãe que lhe fazia sinal de quem, depois lá em casa, alguma coisa teria para dizer. E o bailarico continuava e alguns encontros futuros se combinavam. Muitas "Madrinhas de Guerra" se arranjavam nessa noite inesquecível, muitos namoros começavam e promessas de casamento após o regresso da tropa ficavam aprazados.

Altas horas da noite a sala começava a esvaziar-se. As mães, gradualmente, iam fazendo sinal às filhas que era hora de ir para casa. Lentamente lá se desfaziam os pares e cada um ia regressando aos respectivos lares. Os agora "aptos para todo o Serviço Militar" eram os últimos a abandonar a sala, o álcool era muito, mas havia que acertar as contas com cada um. Tarefa complicada quando já nem em pé se seguravam e ainda mais fazer contas de cabeça. Amanhã também é dia e amanhã, quando acordarem, logo acertarão as contas que houver para acertar.

A partir das primeiras movimentações conducentes à "Inspeção Militar" a "Malta das Sortes" começa a tratar-se por "Quintos". São os "Quintalhaços". Esta expressão que parece resultar da dificuldade, sempre sentida, em recrutar jovens para incorporar topas. Terá origem na proposta do Governo, dos finais do séc. XVIII, mais concretamente de 17 de Novembro de 1798, que propunha que cada corregedor, "sorteasse" 5 homens, entre os dezoito e os trinta anos, por cada 100 fogos, da zona sob a sua administração para serem incorporados nas tropas reais. Embora as contas não estivessem, matematicamente, bem feitas, terá resultado na mente do povo a expressão "quintos", referindo-se aos tais 5 homens sorteados por cada 100 fogos. Tanto quanto se sabe essa proposta de lei não teve grande sucesso, e pouco tempo depois foi reformulada, porque tanto por parte dos "mancebos", como por parte dos empregadores, sobretudo rurais, iriam ver fugir, durante seis anos, um conjunto de homens, trabalhadores do campo, que melhores aptidões físicas e intelectuais tivessem. Mas a expressão "Quintos" manteve-se e hoje, embora

já sem serviço militar obrigatório, continua a ser comumente ouvida e a agrupar, para petiscos ou jantaradas, aqueles que, ou foram juntos à inspecção ou, hoje, tão só, que sendo da mesma terra nasceram no mesmo ano. O mais interessante, é que se até há alguns anos essas reuniões de confraternização eram exclusivas só de rapazes, hoje ou se organizam de forma mista, ou por géneros, em determinadas terras. São as festas dos Quintos, nas quais ou, os Quintalhaços, ou as Quintalhaças se reúnem e bebem uns copos.



Grupo das sortes à porta do Café Avenida

Com a Revolução de Abril de 1974 e o consequente fim da Guerra Colonial o drama, porque de facto se tratava dum drama, embora muito camuflado, do dia de "ir às sortes" começou, de imediato, a perder o sentido angustiante de despedida que desde o início da Guerra Colonial tinha assumido. Toda a sua carga simbólica se foi desvanecendo. O ir assentar praça passou a ser algo, ainda que pouco desejado por alguns, como um acto normal. Para outros era uma porta que se abria para uma vida profissional, especialmente entre as forças de segurança, enquanto que para outros era não mais que um período de adiamento na vida profissional ou estudantil, embora para isso se pudesse recorrer aos já habituais "adiamentos militares". Em 1999 o Governo de então, decreta o fim do Serviço Militar Obrigatório, a fazer efeito a partir de 2004. Desde então passou a existir o denominado Dia da Defesa Nacional. Independentemente do género, todos os que nesse ano perfazem 18 anos passam um dia num quartel, para verem o que é a "vida militar" e onde são aliciados, sobretudo por robustos e entroncados tropas especiais, a, voluntariamente, se alistarem na tropa portuguesa. Diga-se, em abono da verdade, que este aliciamento, até agora, não tem surtido o efeito desejado, porque dizem os que por lá andam que qualquer dia são mais os generais que os soldados.